

PRESENTES



Consulte o
nosso caderno de Natal:
temos
todas as opções.



jornal da tarde

Cr\$ 40,00

O ESTADO DE S. PAULO

Segunda-feira, 30 de novembro de 1981. Número 4.902. Ano 16

São Paulo campeão. E que lindo gol!

A morte
trágica da
bela
Natalie
Wood
Pág. 18



O momento mais bonito do jogo: Serginho vai encobrir o goleiro da Ponte e fazer o 2º gol do São Paulo. Hoje, temos campeão na Edição de Esportes.

**E O PREFEITO
LANÇA O
"PACOTE DO
ZONEAMENTO"**

Página 11

**CASO
HOSMANY: NOS
BASTIDORES,
A COCAÍNA.**

Páginas 14 e 15

**NUCLEAR:
VAMOS PAGAR
MULTA DE
5 TRILHÕES?**

Página 7

**AS OPOSIÇÕES
DISCUTEM
HOJE O PACOTE
E A FUSÃO**

Página 13

**EUROMÍSSEIS:
EUA E URSS
COMEÇAM A
NEGOCIAR.**

Página 6

**CONHEÇA O
SEU BAIRRO:
HOJE, CAMPOS
ELÍSEOS.**

Páginas 16 e 17

Especial: o que o Proálcool garante.

Revelações de Camilo Pena, na última página.

Edição de Esportes

SUPLEMENTO DO JORNAL DA TARDE/ SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1981/ NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

jornal da tarde

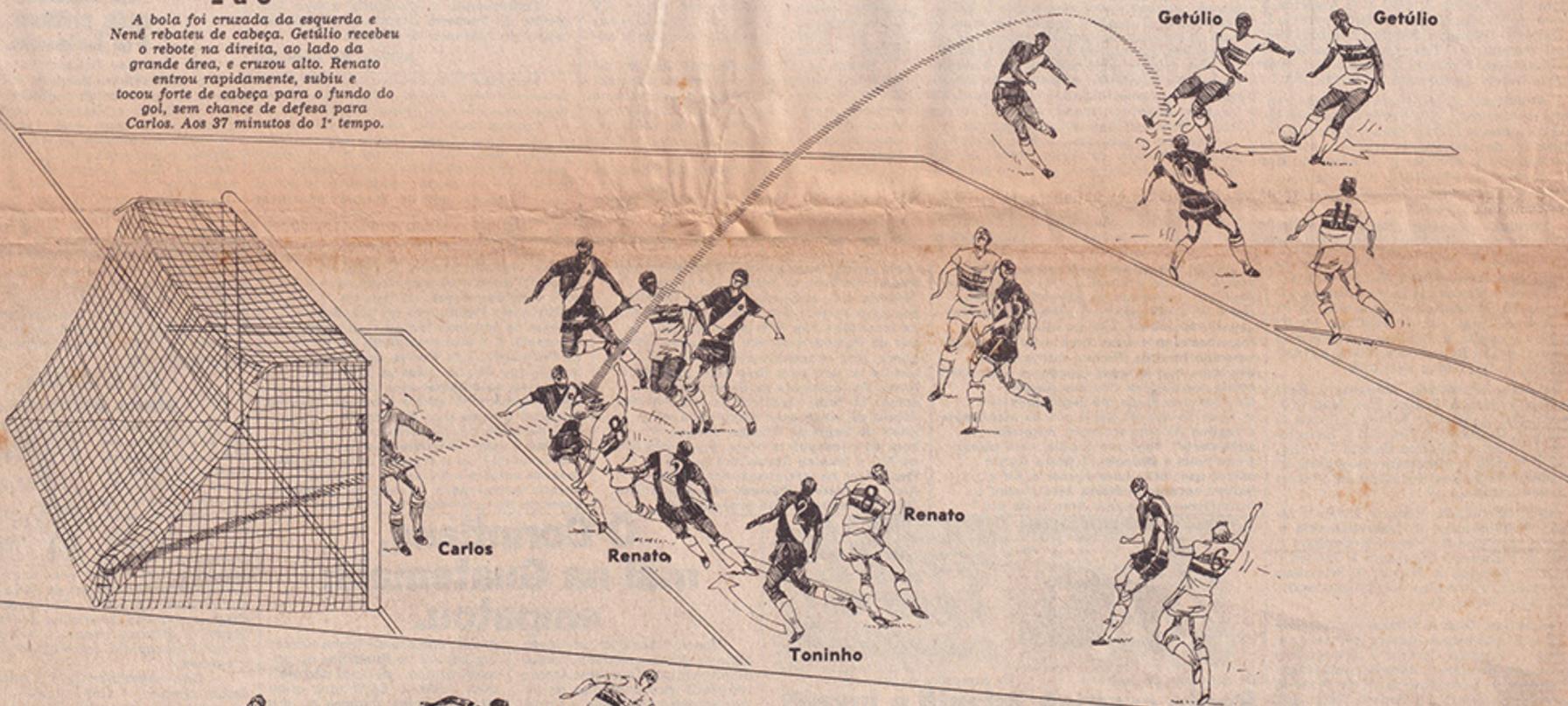
SÃO PAULO, BICAMPEÃO PAULISTA, 1980/81.

BITTORI COLLOR

Os heróis da vitória de 2 a 0 sobre a Ponte; os heróis da campanha do São Paulo e do jogo de ontem; o golaço de Serginho, o choro da Ponte Preta, agora tetra-vice-campeã.

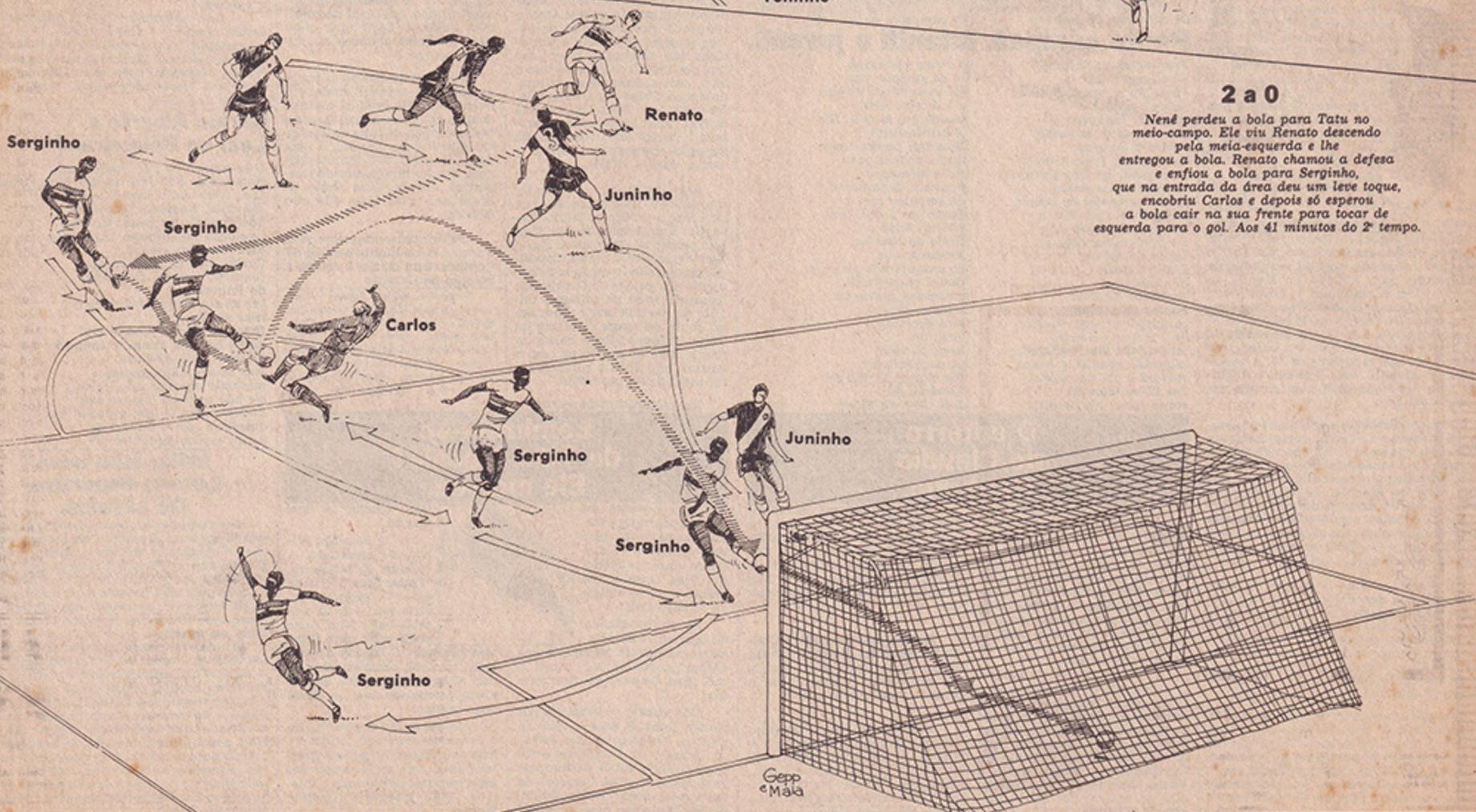
1 a 0

A bola foi cruzada da esquerda e Nenê rebateu de cabeça. Getúlio recebeu o rebote na direita, ao lado da grande área, e cruzou alto. Renato entrou rapidamente, subiu e tocou forte de cabeça para o fundo do gol, sem chance de defesa para Carlos. Aos 37 minutos do 1º tempo.



2 a 0

Nenê perdeu a bola para Tatu no meio-campo. Ele viu Renato descendo pela meia-esquerda e lhe entregou a bola. Renato chamou a defesa e enfiou a bola para Serginho, que na entrada da área deu um leve toque, encobriu Carlos e depois só esperou a bola cair na sua frente para tocar de esquerda para o gol. Aos 41 minutos do 2º tempo.



Gepp e Mala

BOLA DE PAPEL



ALBERTO HELENA JR.

Quando o nome ganha jogo (e o título de campeão)

Renato recebeu o contragolpe à altura da intermídia da Ponte e lançou de primeira a Serginho, em plena corrida. Serginho despenchou-se na velocidade de Juninho e, na saída de Carlos, deu um toque por cobertura. Mais dois passos e o tapinha de pé esquerdo

Table with columns for teams and scores. Includes teams like Grêmio/RS, S. Paulo/RS, Benfica/PORT, etc.

Os empates do Porto, Roma e Boca Juniors foram as únicas surpresas do teste desta semana. Assim, o prêmio vai ser rateado para um grande número de acertadores.

Quanto foi

Terceira Divisão: Tupã 0, Guaçuano 1; Novorizontino 2, Primavera 0; Bandeirantes 2, Cruzeiro 2. Terceira Copa São Paulo: Mirassol 3, Guararapes 0. Campeonato Paulista de Juniors: Botafogo 0, Ponte Preta 0. O jogo decisivo será realizado quarta-feira, em Araraquara.

Alagoas: CRB 1, CSA 1. Penadense 2, ASA 1. Espírito Santo: Desportiva 1, Colatina 0. Goiás: Goiás 2, Anapolina 2. Rio Grande do Norte: Baraúnas 3, Potiguar de Currais Novos 0. América 3, ABC 2. O América é tricampeão. Mato Grosso do Sul: Operário 1, Comercial 1. Sergipe: Sergipe 3, Itabaiana 2. Pará: Paissandu 0, Tuna Luso 0. Taça Cidade de Itumbiara: Nacional 2, Itumbiara 1. Taça Minas Gerais: Democrata 2, Uberlândia 1.

Amistosos: 11 de Agosto 0, Seleção Paulista de Juniors 2. Rio Verde 0, Internacional de Limeira 2; Pato Branco 2, Brasília 0; Operário de Laranjeiras do Sul 2, Atlético Paranaense 5; Serrano 0, Botafogo do Rio de Janeiro 0; Flamengo de Varginha 0, Guarani de Campinas 1; Democrata de Sete Lagoas 0, Madureira 0.

Portugal: 10ª rodada: Penafiel 0, Porto 0; União Leiria 0, Sporting 2; Benfica 3, Académico Viseu 0; Portimonense 5, Belenenses 1; Boavista 0, Braga 1; Espinho 0, Vitória de Setúbal 0; Guimarães 3, Rio Ave 1; Amora 1, Estoril 1. Classificação: 1º Sporting, 17; 2º Porto, 15; 3º Benfica e Guimarães, 13; 5º Rio Ave e Braga, 12; 7º Setúbal, 10; 8º Estoril e Penafiel, 9; 10º Boavista, Espinho e Amora, 8; 13º Belenenses, Viseu e Portimonense, 7; 16º União Leiria, 5.

Espanha: 13ª rodada: Zaragoza 3, Real Sociedad 2; Betis 2, Cadiz 0; Real Madrid 2, Las Palmas 1; Atlético Bilbao 2, Gijón 1; Osasuna 4, Castellón 1; Espanol 0, Barcelona 4; Hercules 0, Atlético Madrid 1; Valladolid 2, Sevilla 1. Principais colocações: 1º Barcelona, 20; 2º Real Sociedad, 19; 3º Real Madrid e Zaragoza, 18.

Itália: 10ª rodada: Roma 1, Milan 1; Juventus 0, Fiorentina 0; Internazionale 4, Como 0; Avellino 2, Cesena 0; Cagliari 1, Torino 0; Udinese 2, Catanzaro 1; Genova 0, Ascoli 0; Bologna 2, Napoli 2. Principais colocações: 1º Juventus, 15; 2º Internazionale, 15; 3º Roma, 14.

Argentina: Zona A: Gimnasia y Esgrima de Jujuy 3, Argentinos Juniors 1; Huracán 4, Racing 1; Rosario Central 4, Gimnasia y Esgrima de Mendoza 1. Zona B: Loma Negra 0, Talleres 0; Sarmiento 0, River Plate 2; Guarani 2, San Martín 3; Zona C: Platense 0, Gimnasia y Tiro 0; Huracán 0, Newell's Old Boys 4; Independiente 3, Vélez Sarsfield 1. Zona D: Boca Juniors 1, Estudiantes 1; Instituto 0, San Lorenzo de Mar del Plata, 1. Interzonal: B x D: Ferrocarril Oeste 3, San Lorenzo de Almagro 1; A x C: Belgrano de Córdoba 2, Racing de Córdoba 3.

COPA-82

Empate, e os checos garantem a vaga. A Checoslováquia empatou com a União Soviética, ontem, em Bratislava, por 1 a 1, e conseguiu a segunda vaga de seu grupo de classificação para a Copa do Mundo da Espanha. Com o resultado, o grupo ficou com os soviéticos, que já estavam classificados em primeiro lugar, com 14 pontos; em 2º a Checoslováquia, com 10, mas com saldo de gols maior que o do País de Gales, que perdeu sua vaga, também com 10. A seguir ficaram a Islândia, com 6 pontos e a Turquia, que não conseguiu nem mesmo um empate, com zero.

O jogo em Bratislava, sob uma temperatura baixíssima e no campo completamente enlameado, começou com a Checoslováquia atacando para conseguir sua vaga. Mas foi a União Soviética que marcou primeiro, num chute forte de Blochin, de 25 metros de distância, aos 14 minutos do primeiro tempo. Aos 33 minutos, o goleiro soviético saiu mal para interceptar um escanteio cobrado por Panenka e Vojacek precisou apenas tocar de cabeça para o gol aberto.

Em Atenas, a Iugoslávia, que já tinha assegurada sua classificação, venceu a Grécia por 2 a 1 e encerrou sua campanha nesta fase com 13 pontos em 16 possíveis. Mas a Grécia começou ganhando, com um gol de Mavros, aos cinco minutos, cobrando uma falta. Aos 22, os iugoslavos empataram através de Surjac. Jercovik completou o marcador aos 39 minutos do segundo tempo.

Camarões conseguiu a segunda vaga da África, ao lado da Nigéria, vencendo o Marrocos por 2 a 1, e hoje a China poderá ganhar o direito de participar pela primeira vez de uma Copa. Basta empatar com o Kuwait, já classificado. A Seleção chinesa venceu o primeiro jogo, em Pequim, por 3 a 0.

que assegurou o título de bicampeão paulista do São Paulo, que, se não foi o melhor time do Campeonato, sem dúvida é o mais ilustre elenco do futebol brasileiro. Por isso mesmo, merecedor da faixa de campeão, num torneio que primou pela falta de organização, de inteligência dos seus organizadores e pelo baixo nível geral do futebol praticado. Na verdade, este lance, registrado aos 41 minutos do segundo tempo, simbolizou bem a diferença entre os dois candidatos ao título, sintetizando a história atual do futebol paulista.

Serginho entrou em campo visivelmente sem as menores condições atléticas para produzir aquele futebol implacável a que estamos habituados. Zanzou pelo campo como um zumbi durante toda a partida. Incapaz de desenvolver um pique, de driblar, lançar ou até chutar, ficou por ali impondo sua fama sobre a zaga ponte-pretana, na expectativa de que seus companheiros se incumbissem de jogar o suficiente para o São Paulo levantar a taça pela segunda vez consecutiva.

Mas, em forma ou não, era o Serginho, o artilheiro, o craque, o símbolo desse time do São Paulo, composto sobretudo de craques que nem mesmo ao conquistar o bicampeonato paulista conseguiram conjugar em campo

toda a sua potencialidade individual no sentido de conferir ao coletivo a força e a beleza de que só os times memoráveis foram capazes.

Em contrapartida, a Ponte era, como é, uma equipe bem armada, com uma defesa intransponível, um meio-campo inteligente e um ataque absolutamente inócuo. Mais conjunto que individualidades, embora um Carlos, um Juninho, um Nenê, um Odirley, um Didi sejam, sem sombra de dúvidas, jogadores à altura de Dario Pereyra, Marinho, Valdir, Mário Sérgio.

Acontece que a Ponte não parecia confiar realmente nessa superioridade individual tricolor. Tanto assim que começou o jogo à meia-força, como se esperasse que sua defesa conservasse o zero no placar tempo suficiente para a decisão ser levada ao terceiro jogo, à prorrogação e, finalmente, ao reconhecimento daquele time que tivera a melhor performance ao longo de todo o torneio.

Por isso, limitou-se a esperar a São Paulo, que, por sua vez, iniciou a partida dominando o meio-campo e forçando o ataque — porém, carecendo de uma presença mais viva de Serginho lá na frente.

Mas se Serginho não ia bem, Renato parecia disposto a reencontrar-se com aquele futebol irresistível que caracterizou sua participação neste certame até o final do segundo turno, quando sofreu forte vertigem.

E haveria de ser Renato o autor do primeiro gol, já aos 37 minutos do primeiro tempo, quando o São Paulo pressou a Ponte no campo do adversário e fez medrar a abertura da contagem.

Bola vai, bola vem, Getúlio recolheu na direita e cruzou para o cabeceiro certo de Renato, no canto direito baixo de Carlos.

A Ponte, então, em vez de reagir, revelou estranho abatimento. E ali o São Paulo poderia ter decidido de vez a partida, caso contasse com um Serginho mais vivo.

O fato é que, durante todo o primeiro tempo, o São Paulo manteve uma defesa firme, baseada sobretudo na atuação de Gasssem, Dario e Marinho, enquanto Paulo César, pela direita, oferecia estabilidade a Getúlio e equilíbrio ao meio-campo, desde que de seus pés partiam todas as jogadas de organização pelo lado direito. Isso desafiava Renato e permitia a Mário Sérgio trabalhar com a cabeça fria pelo meio da intermídia adversária, enquanto Almir e Heriberto resguardavam o meio-campo, combatendo a Didi e a Marco Aurélio com louável denodo.

Perdendo de 1 a 0 e lamentando-se ao domínio tricolor, a Ponte voltou para o segundo tempo com clara intenção ofensiva: saiu

Edson da ponta direita, indo para lá Osvaldo e entrando Abel pela esquerda.

Tal substituição revelou-se eficaz logo no começo do segundo tempo, principalmente porque o São Paulo, a exemplo do que fez durante todo o campeonato, recuou demais, para explorar Renato nos contragolpes.

Ora, como Paulo César logo no início ressentiu-se de velho contuso, Abel passou a ser o caminho pelo qual a Ponte poderia ter chegado ao empate, caso seus homens de área realmente fossem homens de área.

Deu-se então que a Ponte foi só pressão sobre o São Paulo. Mas não uma pressão daquelas incontornáveis, não. Apenas força-va a entrada da área, cruzava bolas altas e tal e cota, mas nada que realmente assustasse a bem postada defensiva tricolor.

Em resposta, o São Paulo criou pelo menos três excelentes chances no contragolpe, através de Renato, antes do claro e indiscutível pênalti praticado por Odirley em Tatu, que entrara pouco antes no lugar de Paulo César. Getúlio chutou mal e Carlos foi bem para a bola. Pois nem assim a Ponte demonstrou especial disposição para prorrogar essa decisão. Ao contrário: permitiu que o São Paulo crescesse no final, fizesse seu segundo gol e levantasse a taça até mesmo com certo ar de fastio.



O que não faltou no jogo: "catimba".



O goleiro Pizelli, o melhor do XV.

Santo André e XV: a decisão adiada.

O jogo de sábado à noite entre Santo André e XV de Piracicaba, no Parque Antártica, se não apontou em definitivo o campeão da Segunda Divisão — terminou empatado em 1 a 1 — pelo menos serviu para fortalecer uma tendência: como o título sempre esteve mais perto do Santo André, ele agora é o favorito para vencer a partida decisiva de amanhã.

Favorito porque, mesmo sem jogar um grande futebol, errou menos que o XV de Piracicaba. E também porque deu mais sinais de evolução no sentido coletivo que seu adversário, em relação à primeira partida.

Mas existem mais motivos. Por exemplo: na batalha de sábado, o Santo André perdeu apenas um jogador (Bona) contra dois do XV (Alcir e Eduardo), todos expulsos. Só que Alcir e Eduardo são laterais-esquerdos.

Somado a tudo isso, o bom futebol do jogador Arnaldo, do Santo André: hábil e oportunista, conseguiu o primeiro gol para seu time aos 11 minutos do primeiro tempo, aproveitando-se de uma falha do meio-campo Rogério. Ele hesitou entre atrasar

para o goleiro ou chutar a bola para a lateral, e Arnaldo percebeu qual seria a decisão do adversário. Quando este atrasou para Pizelli, na fogueira, Arnaldo chegou antes e desviou para as redes.

Como todo jogo de decisão, também o de sábado foi marcado pela "catimba" e os nervos comandavam mais que o cérebro dos jogadores. Talvez por isso o Santo André, ingenuamente, recuou. Exatamente quando poderia tentar o segundo gol, pois o XV estava entregue. Estava, pois aproveitou esse erro para buscar o empate e impor-se por alguns momentos.

Tentou aos 25, com Rogério; aos 26, numa linda jogada de Oriel, tentou outra vez. Aos 30 conseguiu, depois que Alan cruzou da esquerda para, do lado direito, Zezinho ajustar de cabeça até o peito de Brandão, que matou a bola. Na saída de Tonho, bateu de pé direito, num lindo gol.

Mas os nervos e a violência dos dois times, principalmente do XV, fizeram o jogo inverter-se novamente para o lado do Santo André. Alcir prejudicou seu time ao ser expulso

(segurou Paulo Borges pela camisa e foi arrastado, num lance cômico, depois de já ter recebido cartão amarelo) e todo o segundo tempo o XV jogou com um a menos. Jogou pior e atrás, satisfeito com o empate.

Num lance na área do XV, Bona e Eduardo trocaram murros e foram expulsos, no fimzinho do jogo. Portanto, não participando da decisão de amanhã. Se ela terminar empatada, haverá prorrogação de 30 minutos.

Continuando a igualdade, o novo integrante da Primeira Divisão será conhecido depois da cobrança de pênaltis.

Arthur de Almeida

Santo André: Tonho, Zé Carlos, Sani, Rubão e Dado, Fernandinho (Bona), Arnaldo e Fiora (Rubens); Paulo Borges, Lance e Da Silva. Técnico: Sebastião Lapola. XV de Piracicaba: Pizelli, Alan, Allion Luís, China e Alcir; Vadinho, Rogério e Zezinho; Serginho (Eduardo), Oriel e Brandão. Técnico: Dema. Juiz: José de Assis Aragão. Renda: R\$ 5.313.300,00. Público: 23.805 pagantes. Gols: Arnaldo, aos 11, e Brandão, aos 30 minutos do primeiro tempo. Cartões amarelos: China, Oriel e Arnaldo. Cartões vermelhos: Alcir, Eduardo e Bona. Local: Parque Antártica.

Estafa, uma ameaça ao Santo André.

A grande preocupação do Santo André para o jogo de amanhã contra o XV, e que decidirá o campeão da Segunda Divisão, não é só o adversário. O técnico Sebastião Lapola, depois do jogo de sábado, reconheceu que o seu time está desgastado emocionalmente. "Foram tantos jogos decisivos que os meus jogadores estão com estafa psicológica. Por isso decidi dar-lhes uma folga até segunda-feira às nove da manhã. Senti que se mantivesse o regime de concentração, ninguém aguentaria". Segundo Lapola, para piorar ainda mais a situação, o Santo André estava com tudo para vencer o XV e deixou escapar a vitória. Isso abateu e inconformou demais o time e, de um

modo geral, todos os jogadores acharam que o resultado de sábado foi injusto. "Sábado eles escaparam de uma derrota por pura sorte e por causa do Pizelli. Mas na terça-feira não terá jeito: vamos sair do Parque Antártica campeões", dizia Lance, que concordou com o técnico quanto ao fato de o time estar abatido e tenso. Os jogadores do Santo André, apesar de tudo, insistiam em afirmar que depois de cinco anos disputando as finais de Segunda Divisão, chegou a hora de conseguir o título. Enquanto isso, no XV, o técnico Dema terá que improvisar na lateral-esquerda, já que Alcir e o reserva Eduardo foram expulsos. "Mas não estou muito preocupado

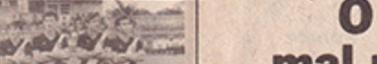
porque tenho o Ademir, um jogador versátil", disse o técnico. O jogador mais festejado depois do jogo no vestiário era Pizelli, que fez grandes defesas no segundo tempo e garantiu o empate. E o vice-presidente do TJD da Federação, Luís Cunha, deu uma notícia que deixou todos os quinze contentes: se empatar esse terceiro jogo e a prorrogação o XV será o campeão. Quando disseram que no caso de empate o título será decidido em pênalti, Luís Cunha rejeitou a tese: "Alguém aqui leu o regulamento? Eu li e posso dizer que em caso de empate o XV será o campeão, porque sou o maior número de pontos. A exemplo do que ocorre na 1ª Divisão".

Ponte campeã. Infantil e juvenil.



Os campeões do Infantil

Pelo menos no infantil e no juvenil a Ponte foi campeã. E ainda poderá ganhar o título de juniores, a ser decidido amanhã, contra o Botafogo de Ribeirão Preto. Ontem de manhã, em São Bernardo, os infantis da Ponte foram campeões ao vencer o São Paulo por 2 a 1; no juvenil, contra o mesmo adversário, a Ponte venceu por 2 a 0. O time de Campinas precisava de uma vitória para ficar campeão infantil. Perdia de 1 a 0 no primeiro tempo mas Iku empatou, cobrando pênalti, e Isafas marcou o gol da vitória, aos 17 minutos da etapa final. No juvenil,



Os campeões do Juvenil

a Ponte precisava só do empate, mas foi mais fácil. Wagner e o lateral Heitor marcaram os gols. Em Ribeirão Preto, o Botafogo perdeu uma ótima chance para ficar bicampeão paulista de juniores, ao empatar com a Ponte por 0 a 0. Uma vitória daria o título ao time de Ribeirão, que no entanto não foi bem. Quase quatro mil torcedores foram ao estádio. Hoje, será decidido o local da nova partida (Araraquara ou Rio Claro). O juiz em Ribeirão foi José Cheo da Silva.

O enterro de Cláudio Coutinho

Entre as dezenas de coroas, destacavam-se as de Falção, a quem se atribuíam divergências com o treinador, e a de Pelé, com quem Coutinho comentaria a Copa da Espanha para uma emissora de televisão venezuelana.

Em Caracas, a morte de Coutinho repercutiu bastante, assim como em outros países — onde os principais jornais deram grande destaque à notícia.

Lembram-se de Tão Macalé? Ele morreu.

Nos anos sessenta, ele deu muita alegria à torcida do Botafogo, com seus dribles rápidos, o físico desengonçado. Era Tão Macalé, que chegou a ser considerado "o novo Didi".



No último sábado, ele morreu, completamente na miséria. Morreu de uma doença provocada pelo alcoolismo. Era Sebastião dos Santos. Tão Macalé, ou Sebastião dos Santos, tinha 44 anos e, além de jogar no Botafogo do Rio, esteve no Guarani de Campinas e foi campeão da Segunda Divisão pelo Paulista de Jundiaí. Começou na Portuguesa carioca e foi contratado pelo Botafogo para substituir

O Corinthians, mal na Guatemala: empatou.

Mesmo diante de um adversário de poucos recursos, formado por militares guatemaltecos e reforçado por jogadores de outras equipes da cidade, o Corinthians não conseguiu fazer uma boa partida. O empate de zero a zero, com a Desportiva Aurora, ontem na Cidade da Guatemala, foi justo pelo fraco futebol que os dois times apresentaram, embora o Corinthians tivesse criado algumas chances para deixar o campo com a vitória.

Esse resultado, no entanto, manteve a invencibilidade na excursão, e o técnico Mário Travaglini completou seu nono jogo sem perder no Corinthians. Mas o time demonstrou pouca disposição na partida e errou seguidamente nos passes. O Corinthians, inclusive, logo no primeiro minuto da partida levou um susto no chute de longa distância de Túlio. Rafael soltou a bola e no rebote Aveino se chocou com o goleiro, que feriu o supercílio e foi substituído por César.

O Corinthians viaja hoje para Curaçao e sua quinta partida da excursão será no dia 2 contra a Seleção de Curaçao.

Desportiva Aurora: Rubens, Victor, Gomez, Perez e Túlio; Cruz, Mendes (Bodillo) e Alvarez (Martinez); Costa (Oscar René), Aveino e Ortiz. Corinthians: Rafael (César), Zé Maria (Luís Cláudio), Rondinelli, Vágras e Vladimir; Biro-Biro, Zenon e Sócrates; Eduardo, Mário e Joãozinho. Técnico: Mário Travaglini. Juiz: Ramon Molina.

Uma espécie de loteria esportiva do turfe, que já existe na Espanha e na França, poderá ser implantada também no Brasil. A ideia foi lançada por Francisco Roberto Dall'Igna, presidente do Jôquei Clube do Rio Grande do Sul, durante uma reunião realizada em Belo Horizonte para a aprovação dos estatutos da Associação Brasileira de Jôquei Clubes, fundada em agosto.

Uma coisa funharia assim: seria criado um volante — igual ao da Loteria Esportiva — no qual o apostador teria de acertar os três primeiros cavalos classificados em três páreos. Isso sempre com um do Rio, outro de São Paulo, e um terceiro, alternadamente, de cada Estado onde existe um hipódromo oficial. Há a possibilidade, também, de um segundo prêmio para os apostadores que acertarem os três primeiros colocados em três páreos — independente da ordem de chegada. O nome da loteria também já está escolhido: "Triplôdo Milionário".(WO)

TABELINHA



Os 25 anos do esporte Bandeirantes

A Rádio Bandeirantes comemora hoje, a partir das 19h30, com um jantar no Maksoud Plaza, o que ela chama de "25 anos de liderança de seu esporte do rádio". A direção da emissora vai aproveitar esta oportunidade também para homenagear antigos e atuais integrantes da equipe. Seu Departamento de Relações Públicas já convidou várias personalidades, entre as quais numerosos campeões mundiais. Como, por exemplo, Pelé, Bellini, Mauro, Carlos Alberto, Maria Ester Bueno, Ademar Ferreira da Silva, João do Pulo e vários outros. Também foram convidados representantes dos principais clubes do Brasil, além de autoridades e chefes de equipe de jornais, emissoras de rádio e tevê.

O crítico de futebol quis criticar. Foi baleado.

"Se você quer criticar..." A advertência, pintada às pressas na porta do automóvel do radialista Luigi Necco, da Rádio e Televisão Italiana, foi o prenúncio da mais nova manifestação de violência das torcidas, na Itália, ontem. Logo depois, quando saía de um restaurante, em Avellino, Necco deparou-se com dois jovens torcedores que não disseram uma palavra: dispararam quatro tiros nas suas pernas. Necco, de 47 anos, é comentarista que costuma trabalhar nos jogos da Primeira Divisão italiana na região de Nápoles. Ontem, ele saía do restaurante para ver a partida entre o time local, o Avellino, e o Cesena. Imediatamente, foi levado a um hospital onde foi operado e passa bem. No domingo passado, 13 torcedores ficaram feridos num jogo em Milão. O atentado a Luigi Necco foi o segundo incidente grave no futebol italiano em uma semana.

Os chilenos, ainda irritados.

Os chilenos ainda não se conformaram com o soco que Anselmo deu em Mário Soto, na decisão da Taça Libertadores da América, recentemente no Uruguai. E ontem, o presidente do Cobreloa, Sergio Soppel, e Abel Alonso, presidente da Associação Central de Futebol, do Chile, disseram que enviarão um ofício a Teófilo Salinas, da Confederação Sul-Americana de Futebol, pedindo "a máxima sanção a Anselmo e ao técnico Carpeggiani, que ordenou ao jogador a agressão".

— Não vamos dizer qual a pena que eles devem cumprir — disse Alonso — Mas deve ser exemplar, pois a agressão de Anselmo foi covarde e desleal. Os dois devem receber um castigo exemplar, para que cenas como as vistas em Montevidéu não se repitam nos campos de futebol.

Carlos Alberto e Leal no Palmeiras?

O ex-técnico do São Paulo e do América de São José do Rio Preto, João Leal Neto, viu o jogo de ontem no Morumbi, elogiou o futebol do São Paulo e, no final, fez uma revelação importante: "Amanhã, segunda-feira, eu e o Carlos Alberto Silva vamos conversar com os dirigentes do Palmeiras e ver se acertamos para dirigir o time na Taça de Prata. O Carlos Alberto está muito bem em Minas, é campeão regional pelo Atlético, mas sua família continua morando aqui em São Paulo e ele não pretende mesmo sair daqui. Assim, é bem provável que o negócio com o Palmeiras acabe mesmo dando certo".

Idéia: uma nova Loteria Esportiva. De cavalos.

Uma espécie de loteria esportiva do turfe, que já existe na Espanha e na França, poderá ser implantada também no Brasil. A ideia foi lançada por Francisco Roberto Dall'Igna, presidente do Jôquei Clube do Rio Grande do Sul, durante uma reunião realizada em Belo Horizonte para a aprovação dos estatutos da Associação Brasileira de Jôquei Clubes, fundada em agosto. Uma coisa funharia assim: seria criado um volante — igual ao da Loteria Esportiva — no qual o apostador teria de acertar os três primeiros cavalos classificados em três páreos. Isso sempre com um do Rio, outro de São Paulo, e um terceiro, alternadamente, de cada Estado onde existe um hipódromo oficial. Há a possibilidade, também, de um segundo prêmio para os apostadores que acertarem os três primeiros colocados em três páreos — independente da ordem de chegada. O nome da loteria também já está escolhido: "Triplôdo Milionário".(WO)

SÃO PAULO, BICAMPEÃO.

Venceu o maior

E a vitória acabou sendo um detalhe, num título que restabelece a hierarquia do nosso futebol.

JAIR

Muito triste, o técnico Jair Picerni não conseguia encontrar uma explicação lógica para a derrota, principalmente pelo decepcionante segundo tempo, quando o time calou verticalmente de produção:

— No primeiro tempo até que foi tudo bem — explicou Picerni —, pois o time estava tocando a bola com tranquilidade, mas aquele gol arrebentou com a gente. No segundo tempo, coloquei o Abel na esquerda e passei o Osvaldo para a direita. Também não deu resultado, pois o nosso time estava completamente abatido. Fazer o quê? Apenas lamentar.

A maioria dos repórteres que foi até o vestiário não entendeu o fato de Marco Aurélio continuar jogando no segundo tempo, quando o time precisava de atacantes que finalizassem.

— Tudo é questão de ponto de vista — respondeu Picerni. Eu deixei o Marquillo para que ele organizasse o meio-campo e não deixasse a "peteca" cair. Infelizmente não houve uma coisa e nem outra, perdemos o meio-campo e o ataque não funcionou.

O jogador Édson, que foi substituído no intervalo, estava jogando regularmente e poderia até ter continuado, pois além de ser jovem tem habilidade. E talvez com sua presença o meio-campo fosse melhor. No entanto Jair Picerni tinha dúvidas a respeito, por isso o substituiu.

— Eu precisava colocar o Abel, por ser bastante ofensivo e decidi retirar o Édson, porque estava improvisado e tinha que mudar o nosso esquema de jogo. Apenas isso. Foi uma pena que não tenha dado certo.

Quanto ao seu futuro e o da equipe, Jair Picerni não soube explicar nada, pois o seu contrato vai até dezembro e nem sabe se continua:

— O que eu posso dizer? Nada. Agora estou com a "cabeça quente", pretendo descansar um pouco e se houver interesse da futura diretoria, posso até continuar.

O bom futebol que a Ponte apresentou no primeiro jogo não foi repetido, por isso acabou derrotada. Por que o time não entrou com a mesma determinação de vitória, do primeiro jogo?

— Cada jogo tem a sua história — respondeu Jair. — O São Paulo desta vez ficou à nossa espera no meio-campo, utilizando bastante o contra-ataque. Assim mesmo não estávamos mal, o jogo estava equilibrado quando o São Paulo marcou o seu gol. Depois disso o nosso time ficou abalado e acabou sendo derrotado. A nossa derrota foi mais psicológica do que técnica. Não tivemos forças para superar o impacto de ficar atrás no marcador. Por isso, quando vi o nosso time perdido e mal colocado no segundo tempo, senti que tudo estava perdido.



FORMIGA

Os jogadores acreditaram no meu trabalho e por isso são eles que merecem elogios. Infelizmente, nunca jogamos com o time completo e tivemos muitas dificuldades. Mas sempre deixei claro para os jogadores que nós todos trabalharíamos para levar o time ao bicampeonato. Este é o meu segundo título no Brasil, o primeiro foi com o Santos. Olhem estou meio comovido, se falar demais me perdoem, mas aqueles que me criticaram devem continuar, não vão parar não. Sei disso, mas fiz um trabalho honesto e venci. Hoje venci a Ponte Preta e quem me criticou.

Hoje o São Paulo jogou como um campeão, foi bem diferente daquele time de quarta-feira à noite. O time foi raçudo e valente. Pedi para os jogadores prenderem a bola no campo da Ponte; o campo estava ruim, o gol do Renato veio no momento oportuno e o time soube garantir o resultado, o que foi muito importante. Nós perdemos um pênalti, mas o Carlos se mexeu no momento da cobrança; tudo bem porque depois o Serginho marcou um belíssimo gol e encerrou o marcador, uma vitória justa, bem trabalhada.

Nossa grande arma hoje foi marcarmos o gol primeiro, o time ficou tranquilo, a Ponte nervosa, teria que marcar dois gols para virar o marcador. E a ponte partiu para cima de nós na base do tudo ou nada, mas eu coloquei o Almir para marcar o Dica por pressão e ele executou o trabalho com uma perfeição de fazer gostó. E os dois laterais também foram bem marcados, todos sabem que as jogadas principais da Ponte sempre nascem das laterais. Gostaria muito de agradecer aos dirigentes que me apoiaram neste meu trabalho de quatro meses. Há dois meses, quando as coisas estiveram difíceis, todos me apoiaram, justamente quando eu mais precisava.

Tivemos problemas com jogadores: o Gassem por exemplo, esse menino vale ouro, tem um físico privilegiado e um bom futebol, mas infelizmente temos Oscar e Dario Pereira no miolo da zaga. O Gassem é muito jovem ainda e tem que sobrar mesmo, mas espero que ele me compreenda. É excelente jogador e um dia será o titular.

Comigo mesmo, nunca me importei; falaram muito que eu perderia o cargo, mas só me importava com o trabalho que tinha para fazer. Agora, no próximo ano, vamos ter chance de ensaiar um toque de bola melhor, criar jogadas e também de aproveitar melhor alguns meninos dos juvenis.

Não vou nem mesmo comemorar o título de uma maneira especial. Logo que der, pegarei o ônibus e irei para Santos, junto de minha família e nada de jantares especiais. Estou muito feliz por dentro, venci muitas dificuldades e ganhei as batalhas e a guerra. Isso só me satisfaz."



Serginho encobriu Carlos e vai tocar para fazer o segundo gol



Serginho invade a área. Mas desta vez Carlos vai salvar.

SERGINHO, CARLOS: GOL.

Com Serginho, o Morumbi explodiu. E a pinga e a cerveja começaram a rolar na Casa Verde. Festa para o São Paulo, mas principalmente festa para Serginho. Em seus pés acabou o Campeonato Paulista de 1981: foi o gol mais bonito do ano.

Bimbão, Garibaldi, Léo e Hélio são os bons amigos da Casa Verde, os companheiros da roda de samba, do futebol de brinca-deira. Todos eles estavam lá, no quarto de Serginho na concentração do São Paulo, combinando a festa e lembrando o gol: um toque com o pé esquerdo para dominar a bola, um toque com o pé direito (e esse é o pé cego) para encobrir Carlos, outro novamente com o esquerdo e o título estava garantido.

— Foi o gol mais bonito de sua carreira, Serginho?

— É o gol mais bonito da minha carreira, até eu marcar outro.

— Foi o gol mais bonito do ano?

— Isso eu acho que foi mesmo. O gol mais bonito do Campeonato — respondeu Serginho, com um grande sorriso. — Mas não há nenhum gosto especial por ter sido um gol bonito, que eu marquei contra o Carlos. O Carlos é um grande goleiro e todo gol, para mim, seja contra quem for, é igual. O que vale é o título.

Serginho foi uma das grandes alegrias da torcida são-paulina. Carlos, por um instante, causou tristeza a ela, defendendo um

pênalti, depois de ter salvo pelo menos por duas vezes a Ponte Preta. Dois grandes heróis do jogo de ontem, dois jogadores que mais uma vez misturaram futebol e mágica numa decisão. Carlos concorda que Serginho realmente "marcou um dos gols mais bonitos do ano", reconhecendo também o seu próprio valor na partida. Cada um em seu vestiário, mas na troca de elogios a certeza de que fizeram um gol que já parecia impossível no futebol paulista.

— Eu não fiz nenhuma grande jogada durante 85 minutos, e de repente marquei o gol. Mas é essa a função do centroavante. Acho que joguei bem e que o Carlos também jogou muito bem.

O BOM JUIZ

Quando Dulcídio Vanderlei Boschilia foi indicado para apitar esse jogo, a Ponte Preta até postou, achando que ele não se comprometeria depois de ter deixado de apitar um pênalti logo no começo da partida decisiva anterior. E mais: foi exatamente esse mesmo juiz quem apitou a final de 77 contra o Corinthians, quando expulsou um dos jogadores da Ponte, Rui Rei. Assim, ele certamente não provocaria a ira dos pontepretanos. Mas o que se viu em campo foi um juiz muito

bom, tranquilo, levando a partida com muita sobriedade. E quando percebeu que o jogo poderia se tornar violento, não teve dúvidas: deu dois cartões amarelos (um para Édson, da Ponte, e outro para Tatu, do São Paulo) e dominou a partida. O único lance que poderia ser discutido aconteceu no gol de Serginho, que para alguns poderia estar em impedimento no momento em que foi lançado. Mas nem aí ele se perturbou, pois acompanhava o lance bem de perto. Enfim, Dulcídio foi um bom juiz.

Esse título que o São Paulo conquistou ontem à tarde no Morumbi, restabeleceu a velha hierarquia do futebol, do tempo em que os clubes da Capital podiam ser chamados de grandes. A vitória de 2 a 0 acabou tornando-se um simples detalhe de uma final em que as diferenças entre campeões e aprendizes transcendem os acidentes do jogo ou à simples comparação de um time com outro.

No futuro, quem sabe, será preciso que a Ponte Preta dispute muitas finais e perca outros tantos títulos, antes de compreender que um time é muito mais do que a harmoniosa combinação de individualidades.

Ontem, por exemplo, a Ponte foi devorada pelos seus próprios antecedentes, praticando um futebol opressivo, mas sem essência. E os seus jogadores não conseguiram assimilar os golpes que receberam no decorrer da partida.

Assim, todo o seu futebol do primeiro tempo desintegrou-se na única vez em que o São Paulo conseguiu completar uma jogada de ataque com os seus laterais. Da esquerda, com Marinho, a bola foi parar em Getúlio, que centrou em curva para Renato, junto à trave apostada, cabeceou para baixo, abrindo a contagem aos 37 minutos.

Até esse momento, a Ponte desenvolvia o seu jogo melhor do que o adversário. Isso, apesar dos erros da última quarta-feira que o São Paulo corrigiu: seus atacantes marcavam os zagueiros da intermediária para trás, impedindo que a Ponte, com as suas jogadas de envolvimento, ganhasse o meio de campo.

Mas, ainda assim, Mário Sérgio ficava encostado na ponta-esquerda, enquanto Toninho Oliveira atacava pela direita. Ao mesmo tempo Édson deslocava-se para o meio, desequilibrando para o seu time o número de jogadores no setor.

Dessa forma, o São Paulo não podia organizar os contra-ataques e só não tomou gols porque a Ponte não tem chutadores de meia distância. E, a única falta cometida na entrada da área, aconteceu aos 43 minutos, sem que Dica soubesse aproveitá-la.

Depois do gol de Renato, no entanto, a Ponte descontrolou-se completamente, dando chance ao adversário de jogar com maior margem de segurança, no segundo tempo. Enquanto Abel entrava na esquerda, melhorando o rendimento do setor, o São Paulo armou um triângulo no meio de campo, com Mário Sérgio no vértice, Serginho à esquerda e Renato à direita, para fazer os contra-ataques e aproveitar melhor o poder de ataque desses jogadores.

E o plano acabou dando certo: a Ponte continuava atacando sem parar, ou pensar, e através da troca de dois ou três passes o ataque do São Paulo atingia a área do adversário, em condições de conseguir mais um gol.

Além disso, Paulo César sentiu a contusão, e com Tatu melhorou não só a marcação sobre Odinei, mas também a criação dos contra-ataques, que pegavam a defesa da Ponte sem proteção nas laterais.

Em uma dessas jogadas, Tatu foi derrubado pelas costas por Odinei, na área, aos 33 minutos. Getúlio bateu o pênalti, mas Carlos, pulando antes da hora, defendeu. Nem assim a Ponte criou coragem para mudar o jogo e, aos 41 minutos, em outra jogada de Renato, que encobriu Carlos, Serginho — impedido, na hora do lançamento — acabou justificando a Ponte, um time ainda sem carisma para sair de seu eterno segundo lugar.

Sérgio Baklanos

São Paulo: Valdir Perez, Getúlio, Gassem, Dario Pereira e Marinho; Almir, Renato e Eriberto; Paulo César (Tatu), Serginho e Mário Sérgio. Técnico: Formiga. Ponte Preta: Carlos, Toninho Oliveira, Juninho, Nenê e Odinei; Zé Mario, Marco Aurélio e Dica; Edson (Abel), Chicão e Osvaldo. Técnico: Jair Picerni. Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia. Renda: Cr\$ 21.488.900,00. Público: 53.841 pagantes. Gols: Renato, aos 37 do primeiro tempo e Serginho, aos 41 do segundo. Cartão amarelo: Edson e Tatu. Local: Morumbi.

Atuações

(por Sérgio Baklanos)

São Paulo	Ponte Preta
Valdir Perez: como sempre, o time pôde contar com ele nos momentos mais importantes. Nota 8.	Carlos: não foi o goleiro tranquilo do passado. E, não fez grandes defesas. Nota 5.
Getúlio: foi envolvido quase sempre. Mas criou a jogada do gol. Nota 5.	T. Oliveira: muito atuante no ataque. Se fosse um finalizador, teria mais destaque. Nota 7.
Gassem: muito inseguro no primeiro tempo. Nota 5.	Juninho: jogou bem apenas meio tempo. Depois foi batido até com facilidade. Nota 5.
Nenê: jogou pouco.	Nenê: teve ótimas jogadas e um erro grave, perdendo para Renato, no primeiro gol. Nota 6.
Dario Pereira: poucas falhas e participações importantes nas jogadas de área. Nota 8.	Odinei: apoiou com eficiência. Mas fez um pênalti infantil. Nota 6.
Marinho: cumpriu o seu dever na defesa e não abusou nos avanços. Nota 7.	Zé Mário: o seu segundo tempo foi comprometedor. No ataque não teve importância. Nota 5.
Almir: quase sempre teve de marcar mais de um adversário. Por isso, foi envolvido. Nota 5.	Marco Aurélio: um meia comum que, de bom, fez apenas alguns lançamentos. Nota 3.
Renato: fez um gol e criou outro. O seu segundo tempo foi incomparável. Nota 10.	Dica: sua única participação foi tocar a bola para quem estivesse mais perto. Nota 4.
Heriberto: quando passou a marcar o lateral, ajudou a defesa a controlar a situação. Nota 7.	Edson: totalmente fora de jogo. Nota 1.
Paulo César: jogou humildemente na marcação. Nota 5.	Abel: funcionou como ponta. Nota 6.
Tatu: foi um jogador utilíssimo. Nota 6.	Chicão: mais perdeu do que ganhou dos zagueiros. Nota 5.
Serginho: subiu no segundo tempo, com Renato. Mas abalou de seu nível habitual. Nota 6.	Humberto: entrou no fim, com o time liquidado.
Mário Sérgio: só no segundo tempo funcionou como atacante. Nota 6.	Osvaldo: apenas alguns jogadas boas, no primeiro tempo. Nota 3.

SÃO PAULO, BICAMPEÃO.



Marinho Chagas: útil mas sem ser brilhante.



Tatu já ganhou de Odirlei no pique: vai sofrer o pênalti.



Chovia forte, mas a torcida tricolor invadiu...



... o gramado para comemorar. Mas sem os jogadores.

Uma tarde calma. Calma até demais para uma decisão.

Foi uma tarde tranqüila e sem grandes incidentes. O pior mesmo aconteceu muito antes do jogo, quando torcedores de São Paulo e Ponte Preta começaram a chegar ao Morumbi. Houve um princípio de conflito entre as duas torcidas, um ônibus de Campinas foi parcialmente destruído, mas logo a confusão foi contornada pela Polícia Militar.

Isso ocorreu por volta das 12h30 e só alguns torcedores embriagados foram detidos. A grande maioria foi liberada para assistir ao jogo e os que se machucaram ainda foram obrigados a esperar um pouco mais no ambulatório médico, já que o pessoal do atendimento chegou atrasado.

A chegada ao Morumbi também foi tranqüila e quase não houve congestionamento. O DSV montou um esquema especial de trânsito e as linhas diretas de ônibus fluíam naturalmente, trazendo os torcedores.

Na verdade, o maior trabalho ficou por conta dos policiais que trabalhavam do lado externo do estádio, onde os guardadores de carros cobravam de 300 a 400 cruzeiros pelo estacionamento em um ponto qualquer nas imediações do Morumbi. Mas esse abuso também foi logo contido pela polícia: uma hora antes da partida dois caminhões já tinham sido lotados de guardadores de carros.

Enquanto isso, no saguão do Morumbi, a tranqüilidade só foi quebrada com a presença de um oficial de justiça que perguntou a um funcionário da Federação por José Eduardo Chimello. Imediatamente todos os repórteres correram atrás do oficial, mas ele era simplesmente amigo do superintendente da Federação.

— E depois nem haveria condições de recebermos qualquer outra liminar, porque a Federação conseguiu uma medida cautelar garantindo a disputa das finais do Campeonato, independente de qualquer outro recurso impetrado junto à Justiça Comum — explicou Chimello.

Apesar de ser uma decisão, o público foi apenas regular, levando-se em consideração a importância da partida. O movimento nas bilheterias, que esteve muito bom até as 12 horas, caiu verticalmente até a hora do jogo.

A renda, no fim, alcançou Cr\$ 20.488.900 — com 63.841 pagantes, mais 187 menores credenciados. Mas essa importância teve um substancial reforço financeiro com a venda do espetáculo à tevê Globo, que pagou 15 milhões de cruzeiros e transmitiu ao vivo a decisão do Campeonato Paulista — incluiu-se para São Paulo.

Durante a partida, o comportamento dos torcedores também foi muito bom. Nenhum caso mais grave foi registrado no posto policial de plantão no Morumbi, a não ser, é claro, casos de embriaguez e desordens. Mesmo assim foram poucos os torcedores detidos.

Com a vitória do São Paulo e a conquista do bicampeonato paulista, o problema mais sério passou a ser a própria comemoração dos torcedores são-paulinos. Houve invasão de campo, as escadarias que dão acesso aos vestiários foram totalmente tomadas e no fim muitos deles acabaram sofrendo contusões principalmente em função de quedas.

— Mas nada de maior gravidade — assegurava um dos enfermeiros de plantão.

Essa vitória do São Paulo também definiu a ordem dos jogos contra as duas seleções paulistas, no próximo domingo. A Ponte, como vice-campeã, vai jogar contra a Seleção Paulista de Novos; o São Paulo, como campeão, irá enfrentar a Seleção Paulista principal.



O campeão

A foto do bicampeonato tricolor: Valdir Perez, Getúlio, Almir, Dario Pereira, Gassen e Marinho (em pé); Paulo César, Renato, Serginho, Heriberto e Mário Sérgio (agachados).

Se deu a lógica? Mas é claro. Venceu o melhor.

O técnico Formiga atravessou o túnel que dá acesso ao vestiário rapidamente, abraçado ao goleiro Valdir Perez.

— Foi difícil mas vencemos, Formiga. Muito obrigado por tudo o que você fez por nós — disse o goleiro.

Momentos depois a torcida invadiu o vestiário, enquanto Mário Sérgio explicava que antes de tudo dera a lógica:

— É claro, venceu o melhor time do Campeonato. É verdade que a Ponte deu muito trabalho hoje, mas o São Paulo jogou certinho, em rápidos contra-ataques. O São Paulo sempre foi um time criticado, às vezes até mesmo com certa violência, mas af está a prova de que era mesmo o melhor. Ganhamos hoje e a principal arma foi a tranqüilidade. Mas, para mim, que já ganhei seis ou sete títulos, a vida ensinava que tudo isso é passageiro, até as críticas.

O menino Everton estava também muito feliz, apesar de ter ficado de fora por ter levado o quinto cartão disciplinar.

— Vocês viram, vocês viram, hoje fiquei campeão várias vezes: sou bi pelo São Paulo e campeão pelo Londrina, meu time lá do Paraná, que hoje conquistou o título.

Getúlio, meio magoado por ter perdido o pênalti, não se conformava:

— Eu bati certinho, no canto, mas o

Carlos se mexeu antes e foi lá buscar. O juiz não viu nada. Mas não faz mal: o importante é que vencemos. O jogo foi muito difícil, a Ponte é um time muito entrosado, mesmo assim deu para apolar bastante e ajudar o São Paulo a vencer.

Também os diretores estavam felizes. Fernando Casal Del Rey, explicou que o São Paulo teve este ano um superávit de 20 milhões de cruzeiros com o futebol — arrecadando perto de 200 milhões de cruzeiros brutos.

— Só não deu mais dinheiro porque a torcida teimou em não comparecer durante o campeonato, uma pena — disse o diretor.

O zagueiro Gassen, chamado de beduíno pelos companheiros, não escondia sua vontade de ser titular:

— Não importa muito se eu sou ou não jovem ainda: o que interessa é que estou jogando um bom futebol e já fiz por merecer a posição em definitivo. Mas vamos ver como ficarão as coisas. Vejam vocês que hoje foi muito difícil; a Ponte veio com tudo e tivemos que lutar muito.

Próximo a ele, no meio da festa, o diretor adjunto de futebol, Pêrsio Rainho, suava muito. É que ele havia desmaiado no meio do gramado, depois de ter levado um abraço do chefe da Torcida Uniformizada do São

Paulo, o campeão de caratê Hélio Silva. Era com alguma dificuldade que Pêrsio fazia revelações como esta:

— Olha, o central Jarbas do Rio Preto vai acertar as luvas e salários conosco amanhã, segunda-feira. Temos que arrumar uma casa para ele, que é casado e tem um filho. Já o ponta-direita Barbosa, do União Agrícola Barbaense telefonou hoje (ontem) para mim, disse que a Portuguesa e o Palmeiras também querem contratá-lo, mas que ele dá preferência ao São Paulo e assim amanhã vamos acertar tudo também.

Com relação à contratação de Edinho, comentou-se ontem nos vestiários que já está tudo acertado entre São Paulo e Fluminense, faltando acertar as bases com o jogador. Edinho custará cerca de 45 milhões de cruzeiros.

Enquanto isso, os jogadores do São Paulo começam a pensar como vão gastar o dinheiro do prêmio. Eles já tinham 500 mil cruzeiros acumulados e, ontem, pela conquista do título, ganharam mais 500 mil cruzeiros cada.

— Vou acabar de pagar o apartamento que comprei em Campinas do preparador físico Marcos Carioca — dizia Paulo César. — Só espero continuar sendo titular no próximo campeonato.

Choro, desânimo. Outra vez vice-campeões.

No vestiário da Ponte Preta, os jogadores não tinham a mínima disposição para conceder entrevistas e procuravam deixar o local rapidamente. Alguns até choravam, pela perda de mais um título.

— Eu tinha certeza de que seríamos campeões, — dizia Zé Mario — estou aturdido. Dá até vontade de parar e desistir da carreira. Foi horrível: o nosso time, não conseguiu se acertar no segundo tempo e a derrota foi inevitável.

Nenê estava em prantos. Toninho Oliveira ia deixando o vestiário descalço, não sabia nem para que lado andar; Carlos caminhava sério, sem a mínima disposição para falar sobre a partida:

— Sei que joguei bem, mas de que adiantou? perguntou Carlos; eu queria o título, para oferecê-lo ao meu filho Danilo. Mas isso não foi possível. Fizemos um segundo tempo horrível, erramos muito e perdemos.

O velho Dicá, que perdeu a sua última grande chance de ser campeão pela Ponte Preta, era um dos mais desconsolados, pois pretendia encerrar a carreira com o título paulista.

— O nosso problema é muito sério, o time tem algum trauma, pois tudo se transformou, depois que sofremos o gol. Poderíamos ter empatado ainda no primeiro tempo, mas isso não aconteceu. No segundo tempo corremos, lutamos, mas não conseguimos acertar os passes. Foi a derrota que mais senti em minha carreira, pois alguma coisa me dizia que seríamos os campeões.

Sobre o seu final de carreira, Dicá não quis fazer comentários, pois estava chocado com a derrota, que considerou inacreditável.

— Eu nem sei dizer sobre o meu futuro, estou pensando seriamente em parar, mas prefiro comentar este assunto em outra oportunidade. Agora estou transtornado, acabei de perder um título que eu tinha como certo e estou muito triste. Acho que a Ponte merecia melhor sorte.

O único jogador que conversava normalmente era Juninho, que apesar de abatido falava em vitórias futuras e no "amanhã".

— Amanhã é outro dia, vamos esquecer mais este vice e continuar perseguindo um título. Eu pretendia encerrar o meu ano festejando esta conquista, mas agora sou obrigado a me contentar com o vice. Não tem importância. Ainda serei campeão com a Ponte Preta e levarei à frente este desafio. Comecei no clube em 74 e até hoje só pude comemorar um título, que conquisei em 75, quando era infantil. Fora isso não ganhei mais nada. Estou triste, mas não me sinto derrotado; muito pelo contrário, vou caprichar ainda mais no futuro — afirmava Juninho, que achou o resultado normal e justo.

Na próxima semana deverá ser eleita uma nova diretoria, que pode aparecer com Armando Mendonça, Jair Bonato ou Lauro de Moraes na presidência. De qualquer forma, a idéia é fazer uma profunda reformulação no plantel, onde mais uma vez ficou evidenciada a falta de atacantes e finalizadores. De nada adiantou o time ter uma boa defesa.

SÃO PAULO, BICAMPEÃO.

Eu, campeão.

Três meses de São Paulo, um lugar na Seleção, e título de campeão. Quem poderia ter melhores motivos para comemorar que Mário Sérgio? Mas hoje sua maturidade é tamanha que ele encara tudo com naturalidade.

Encosto. Praga de madrinha. Praga rogada no Flamengo mas que ameaçou pegar mesmo quando ele esteve lá pelos lados do Botafogo. Bobagem: praga é coisa que não existe, pelo menos agora que dá para falar que tudo isso passou. Mário Sérgio é campeão paulista — o título que ele tanto queria conquistar. "por ser o mais difícil de todos". Uma vela acesa para Deus, outra para o Diabo, e Mário Sérgio é campeão no seu melhor estilo: com garra e técnica, com dedicação e profissionalismo, com tiro e tudo. Se alguma coisa ainda faltava em sua longa — e não menos tumultuada — carreira era justamente esse título.

— Eu acho que para minha carreira de jogador de futebol, ser campeão paulista é um acontecimento dos mais importantes. Vim para São Paulo pensando em ser campeão. Consegui o título em três meses e isso me realiza profissionalmente, porque o título do Campeonato Paulista é um dos mais difíceis de serem conquistados.

Título de campeão é prestígio. É dinheiro. Mário Sérgio não esconde nem por um momento que esse é o principal incentivo que lhe desperta a vontade de ser campeão. Mário Sérgio gosta de títulos, embora não os guarde (assim como não coleciona faixas, troféus e recortes de jornal) nem mesmo na lembrança. É com dificuldade que ele recorda as decisões de campeonatos de que já participou, os títulos que conquistou. E futebol, para ele, tem de ser vivido assim mesmo, sem saudosismo.

— Eu tenho uma visão totalmente realista, em nenhum momento eu deixo de considerar o futebol como profissão. Por isso, ganhar títulos, para mim, significa fama e prestígio e, conseqüentemente, melhores contratos e mais dinheiro. Talvez esse seja o motivo que me leve a não guardar nada de lembrança, embora eu também reconheça que não teria paciência de recortar jornais com meu nome. Mas tudo que me acontece com relação ao futebol é concebido com o maior realismo possível. Assim será também com esse título de campeão paulista.

Nenhuma decisão de campeonato pode ser comparada com essa que Mário Sérgio jogou pelo São Paulo. Nem a de 1972 quando foi campeão pelo Vitória — única final em que ele fez gols, os dois em bolas reboteadas para fora da área — nem a de 1975, pelo Fluminense, ou o tricampeonato brasileiro de 79, vestindo a camisa do Internacional de Porto Alegre. Talvez por isso, Mário Sérgio vá guardar a decisão contra a Ponte Preta mais vivamente na memória.

— Esse Campeonato Paulista foi o mais difícil que já disputei, não somente pelo bom nível técnico dos adversários mas também pela quantidade de jogos. Então, é claro que esse título para mim é dos mais importantes, eu lembrarei sempre. Nenhuma outra decisão pode ser comparada a essa, porque é muito difícil ser campeão em São Paulo. Mas se o campeonato é muito disputado, ele também é muito confuso, a gente fica sem saber se vai ter jogo ou não, se a coisa vai ser decidida no campo ou na Justiça Desportiva. De qualquer forma, ser campeão paulista, para mim, representa a consagração de tudo que já consegui no futebol.

Herança do futebol de salão

Mário Sérgio, na verdade, já chegou à Seleção no jogo contra a Bulgária (esse jogo sim, ele gravou em videocassete e guardou em casa). Chegou sem surpresa, porque acha mesmo que tem méritos para isso, chegou sem mágoas por ver o reconhecimento de seu futebol somente depois de doze anos de profissionalismo. É a mesma visão objetiva de sempre — de quem acha que tudo na vida aconteceu com algum atraso, mas, se aconteceu, acabou vindo no tempo certo.

— Foi assim até com o início da minha carreira. Muita gente pensa que eu sempre joguei futebol de campo mas não é verdade. Durante seis anos eu só joguei futebol de salão, pelo Fluminense, e acho que foi nesse período que eu aprendi muito, principalmente nos dribles. Futebol de campo, mesmo, eu só comecei a jogar com 18 anos.

O drible rápido e curto (como o toque de bola de calcanhar no primeiro jogo contra a Ponte Preta e que deu o gol de Sérgio ao São Paulo); a medida certa dos lançamentos e a distância do chute a gol; o jeito de dominar e proteger a bola com o corpo — tudo isso, Mário Sérgio explica que "foi uma herança do futebol de salão". E o ficar olhando para um lado e lançar a bola para o outro? Isso sim, Mário Sérgio aprendeu já dentro do cam-



A malícia do drible, a consciência da força. Mário Sérgio e sua glória, aos 31 anos.

po e discorda daqueles que afirmam ser essa uma característica somente sua.

— Eu aprendi a jogar assim com o Zé Mário (atualmente emprestado pela Portuguesa ao Clube do Remo), e acho que em futebol muita coisa, ou quase tudo, se aprende. Depende do interesse e da dedicação de cada jogador. Eu não me considero um jogador melhor ou mais técnico que os outros. Se eu consegui agora ser campeão paulista é porque me dediquei, assim como todos os meus companheiros de time. Cada um soube ser campeão a seu modo, cada um foi o grande jogador de alguma partida. Eu dei em três meses a minha contribuição, assim como meus companheiros contribuíram para o São Paulo ser campeão.

As lições do futebol

Se o grande título da vida de Mário Sérgio é esse que acaba de conquistar, a maior alegria foi aquela de 1972, porque era o primeiro, e as palavras — "praga mesmo" — do então técnico do Flamengo, Yustrich, ainda estavam na sua cabeça. "Mário Sérgio jamais será um campeão, jamais será sequer um bom jogador de futebol, porque não é dedicado". Era o final do ano de 1971 (o motivo da briga foram os cabelos compridos que Mário Sérgio se recusou a cortar) e lá se foi ele para o Vitória da Bahia. Foi para ser campeão logo no primeiro campeonato que disputou, mas nos quatro anos seguintes seu nome desapareceu. Foram as primeiras lições do futebol, o começo de uma história que transformou Mário

Sérgio num personagem pelo menos real.

— Eu sou assim mesmo, uma pessoa normal, com defeitos e virtudes que fui aprendendo na vida. Mas não sou esse bandido todo que vivem falando. Saí com fama de brigão e criador de casos do Flamengo e me tornei campeão logo depois. Daí fui esquecido porque na Bahia não existe mesmo muita promoção, mas sempre joguei o mesmo futebol. Um jogador de futebol é uma pessoa comum, que vai amadurecendo e, por isso, não fico mais impressionado nem abalado quando ainda acontece alguma coisa de ruim, como o tiro em São José. A gente aprende a superar tudo, a não supervalorizar os acontecimentos bons ou maus.

Ganhar o Campeonato Paulista, então, foi mais um acontecimento normal na vida de Mário Sérgio, apesar de importante. E ele já demonstrava isso antes mesmo do primeiro jogo, porque "trinta e um anos de idade e treze de futebol dão experiência e maturidade a um jogador".

Não bastasse isso, o próprio Campeonato Paulista é para o recém-chegado Mário Sérgio uma simples "repetição de jogos" — o impossível ganhar qualquer partida ou até mesmo um título como se fosse "a maior coisa do mundo".

— Jogando no ritmo que nós estamos, às vezes eu tenho a impressão de que fica tudo nas mãos da sorte. Os adversários já se conhecem, o público também já não vê o jogo com a mesma disposição e entusiasmo, a decisão de um título valioso como o do Campeonato

Paulista passa a ser disputada como se fosse apenas mais uma partida. Eu acho que se juntar todo esse clima de rotina com a vivência que eu já tenho no futebol, não dá mesmo para ficar muito entusiasmado e eufórico. Assim como eu não estava ansioso, tremendo de expectativa. Eu estou contente, foi um dos passos mais importantes da minha vida, mas comemorou tudo como alguém que já não é garotinho. Se já falaram um dia que eu não seria um bom jogador, minha carreira está mostrando o contrário e agora acabo de ter a maior conquista.

Dois homens diferentes

Mesmo com a mulher Sylvia e o filho Fernando — "o caçulinha Bruno nem pode falar de futebol, porque só tem duas semanas" —, o título de campeão não deverá ser muito comentado ou comemorado. Mário Sérgio lembra que "futebol é trabalho" e existem duas pessoas distintas: o Mário Sérgio que entra em campo, e esse "como profissional é às vezes um pouco nervoso", e o Mário Sérgio, cidadão como outro qualquer. Fora de campo, nada de futebol — e o principal passatempo é ir mesmo ao Jôquei Clube, todas as quintas-feiras, onde existe ainda uma lembrança dos tempos da Bahia: a água Friska, que nasceu num haras que Mário Sérgio tinha em Salvador, em sociedade com um amigo.

— O turfe é paixão mesmo. Paixão antiga, que nasceu quando eu ainda era pequeno e meu pai me levava para ver as corridas. Já perguntaram muitas vezes qual a rela-

ção que existe entre turfe e futebol e eu respondo sempre que não existe nenhuma. Talvez, o que mais me chame a atenção nos cavalos seja o preparo físico. Isso em turfe é tudo. E é assim que eu penso no futebol, sei que a minha principal arma para ser um bom jogador atualmente é o condicionamento físico. Mas acho que não chega a existir uma relação entre o meu gosto pelo turfe e a minha profissão de jogador de futebol.

Além da água Friska, Mário Sérgio guarda da Bahia a lembrança de que, se não conseguiu se destacar, também não foi esse um tempo em que a fama de jogador indisciplinado o acompanhou. Quinto colocado no Campeonato Brasileiro de 1975, o Vitória aceitou a proposta de Francisco Horta e Mário Sérgio voltou para o Rio. Agora pelo Fluminense, nas Laranjeiras, onde nasceu no dia sete de setembro de 1950. No Fluminense, que o anunciou como "o ponta-esquerda da Seleção de 1978", Mário Sérgio voltou a ser campeão. Mas voltaram também as desavenças com o próprio Francisco Horta e ele acabou sendo trocado (junto com Rodrigues Neto e Paulo César Lima) por Marinho, do Botafogo — aí foram três decisões e três perdas dos títulos, "a praga de madrinha estava pegando".

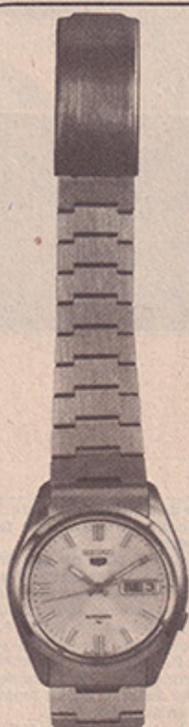
— Foi nessa época que eu quase tive de abandonar o futebol, quando precisei operar os meniscos do joelho esquerdo e fiquei quase um ano sem jogar. Ai, em 1978, quando eu estava recuperado, o Botafogo me ofereceu um aumento de dois mil cruzeiros e eu recebi uma proposta irrecusável do Rosário Cen-

tral, da Argentina. Foi para lá e ganhei realmente muito dinheiro.

Mas foi no Botafogo que Mário Sérgio voltou a se desentender com diretores e, muitas vezes, o presidente Charles Borer o acusou de responsável pelas derrotas do time. Já casado — Sylvia é filha do pecuarista e empresário baiano Fernando Carneiro, que passou a cuidar dos investimentos do genro — Mário Sérgio foi então para a Argentina. Ficou apenas seis meses (dificuldade de adaptação) mas voltou para o Internacional de Porto Alegre com a imagem recuperada.

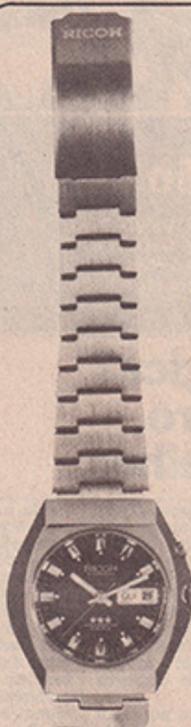
— Voltei e fui campeão, me tornei amigo de todos os jogadores, nunca briguei com o Falcão como afirmam. Na verdade, o Falcão até ajudou para que eu fosse contratado. Foi uma das melhores épocas de minha carreira, igual a essa que estou vivendo no São Paulo. Fui campeão pelo Inter, e sou, também agora, campeão paulista. Acho que aprendi muito, até a forma correta de disputar e festejar um título. De novidade mesmo, para mim, só resta jogar um decisão de Copa do Mundo. E espero ser novamente convocado, porque, apesar do meu comportamento em São José, eu estou me dedicando muito ao futebol e demonstrando que sou um bom profissional. No Internacional eu consegui a experiência que ainda necessitava. No São Paulo, eu ganhei o título que me faltava, num momento de maturidade da minha carreira, e jogando um bom futebol.

Antonio Carlos Prado



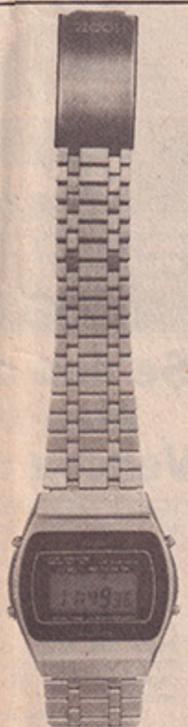
SEIKO DE AÇO PARA HOMENS - Automático, com calendário duplo. Vários modelos.

Cr\$ 10.900,



RICOH AUTOMÁTICO PARA HOMENS - Com calendário duplo. Mostrador em várias cores.

Cr\$ 5.590,



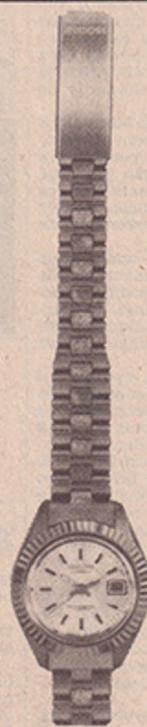
RICOH QUARTZ DIGITAL PARA HOMENS - De aço, com cronógrafo e calendário. Vários modelos.

Cr\$ 5.390,



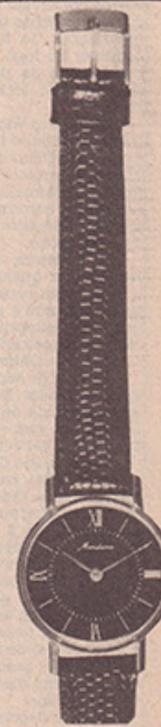
CITIZEN QUARTZ PARA MULHERES - Folheado, vários modelos.

Cr\$ 19.500,



RICOH DE AÇO UNISSEX - Automático, caixa com aro folheado e pulseira mista.

Cr\$ 7.450,



MONDAINE FOLHEADO UNISSEX - Mostrador branco, preto ou champagne.

Cr\$ 4.850,

Aqui, o futuro.

Os jovens diretores do São Paulo receberam o título como os empresários que, no fim do ano, olham orgulhosos para o balanço positivo de sua empresa. E como sabem que só com mais investimentos — leia-se craques, bons salários, promoções — o São Paulo voltará aos anos de ouro, o futuro do clube já está planejado. É, claro, inclui mais títulos.

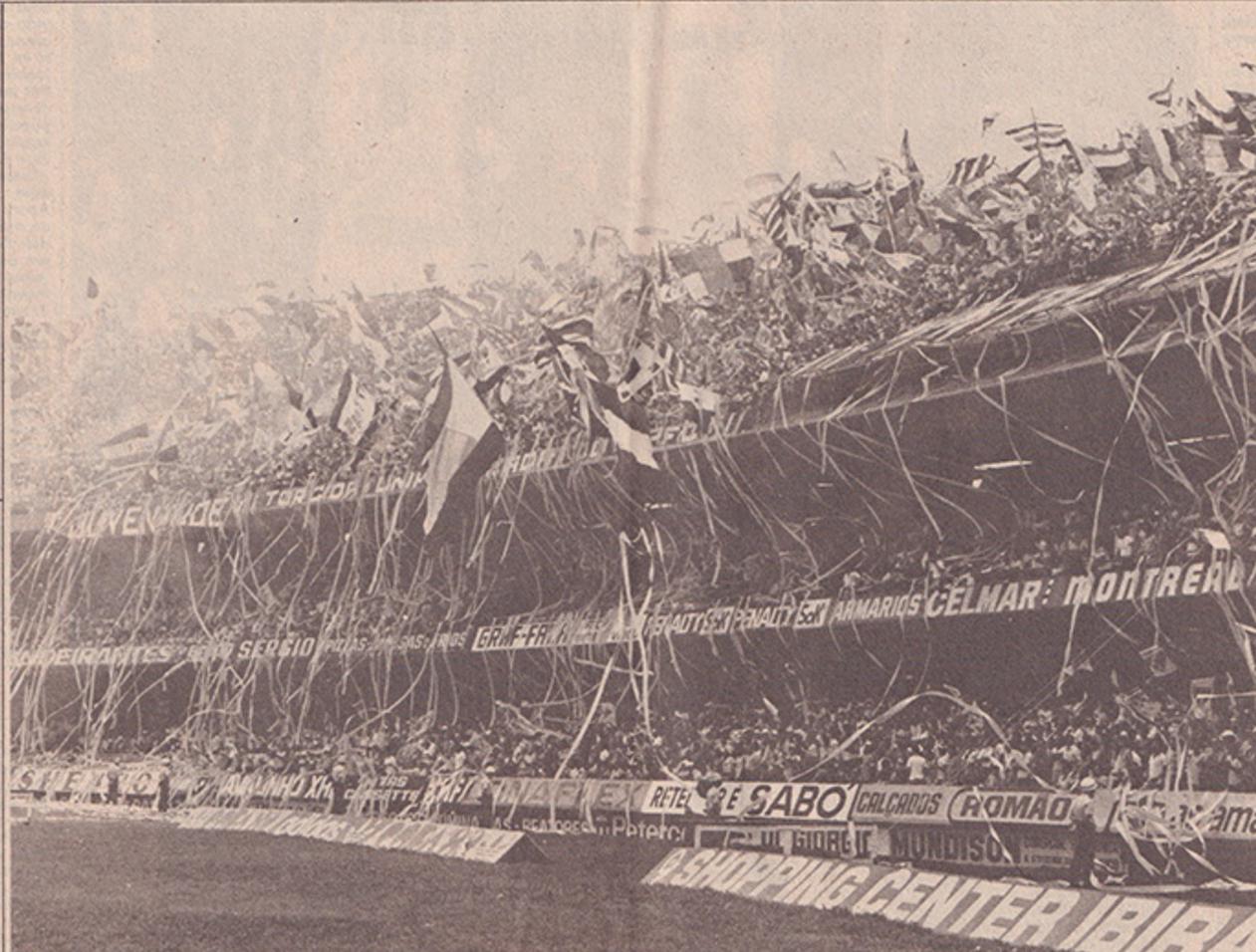
Campeão ou não — já estava decidido — o São Paulo continuará investindo e renovando as atrações de seu time para que o futebol não se torne repetitivo. A perda do título só traria uma consequência: a escolha de jogadores do tipo Gerson ou Forlan, que não deixassem o time cair no vazio, nos momentos difíceis.

Não existe derrota, porém, que mude a ideologia deste grupo de jovens dirigentes que continuam, apesar de todos os problemas, interpretando o futebol como show business.

O Palmeiras gastou 180 milhões em reforços e arrecadou 80 milhões, tendo uma quebra de caixa de 100 milhões. O Corinthians gastou 200 milhões e ganhou 70; e o Santos, outro tanto. E o São Paulo, com tudo o que investiu, acusou no balancete de setembro — sem as finais do turno e do campeonato — um lucro de 37 milhões, só com o futebol — diz Jaime Franco, o seu diretor principal, um homem que só acredita na verdade dos números. E mais: as finais com a Ponte Preta colocaram o São Paulo em primeiro lugar nas arrecadações. Isso, apesar do calendário sufoicante e do campeonato mal organizado (sem contar com as convocatórias da Seleção Brasileira, que acabaram impedindo a solidificação do time). Os lucros vieram, não só da venda dos jogadores (do América do México, o São Paulo recebeu 57 milhões de cruzeiros pelo passe de Zizinho), mas também das rendas dos jogos contra o Botafogo e Grêmio, pelas finais da Taça de Ouro, que deram para cobrir todo o orçamento do futebol neste ano.

Mas haverá exigências
Mas, se a filosofia empresarial dos dirigentes é intocável, haverá uma revisão no relacionamento com os jogadores que, apesar de toda a retaguarda que tiveram — salários pagos em dia, atualização das gratificações e dos contratos, muitos reajustados na metade de sua vigência — não corresponderam.

O time precisa dar à torcida a segurança de que vale a pena comparecer ao estádio — diz Jaime Franco, recordando-se dos anos de ouro, do tempo dos esquadrões, das séries invictas e dos títulos em seguida.



Esta torcida pode ter certeza: os títulos vão continuar.

Por isso, já se discute no Morumbi um novo tipo de tratamento ou de política financeira para que não haja mais acomodação por perda do interesse. As idéias ainda são vagas e o assunto é discutido nas reuniões de fim de tarde.

Mas será alguma política parecida com a dos velhos tempos, em que o jogador, entrando em campo para pagar as suas dívidas, sentia mais a camisa ou se mostrava sempre disposto a oferecer ao clube algo mais do que o dever.

— Por falta de energia do técnico é que não foi — conclui Jaime Franco, alegando que no tempo de Carlos Alberto Silva, de temperamento oposto ao pacífico Formiga, o time também perdeu a decisão da Taça de Ouro, no Morumbi, sem conseguir jogar tudo o que podia.

Mas o Morumbi ainda está fumegante, vivendo o clima da última decisão, momento impróprio para análises sobre o futuro do time ou dos homens que o dirigem. No clube, porém, já se fala abertamente sobre a contratação de Cilinho para técnico no próximo ano. ele teria consigo o preparador físico Nicanor de Carvalho.

Antes mesmo da apresentação de um plano de trabalho do técnico, existe o interesse por craques de seleção — aqueles que técnico al-

gum recusaria. Edinho e Batista fazem parte deste contexto e viriam na base de troca, ou não, com jogadores de nível médio do elenco atual como Nel, Elvio, Almir, Gasssem e Marinho.

Depois da Copa do Mundo, em agosto, Valdir Perez será liberado se o São Paulo conseguir trocar por outro jogador de nível. E essa é uma das poucas previsões seguras da diretoria, já que — nem sempre — os projetos podem ser executados.

Serginho, por exemplo, acertou no passado com a diretoria, a venda de seu passe — também para depois da Copa da Espanha. Isso por não conseguir conviver com o técnico Carlos Alberto, com o qual teve discussões seguidas.

Mas agora a situação mudou e ele está negociando um novo contrato de dois anos e que vigoraria até agosto de 83.

Agora, a consolidação.
O próximo ano será o da consolidação do novo modelo administrativo de futebol, pois, além dos recursos normais, o clube terá mais duas fontes de arrecadação: as verbas da Loteria Esportiva e as da exploração publicitária das camisas, o que tornará mais agressiva a política de investimentos do Departamento de Futebol.

No intercâmbio com o Tampa Bay, ao contrário do que foi publicado, não serão utilizados jogadores do primeiro time, mas reservas ou ex-juvenis. E depois da Copa do Mundo, o São Paulo se dedicará à conquista da Taça Libertadores da América e do título mundial de clubes, procurando — desde o início da temporada — ajustar um calendário que, pelo acúmulo de jogos, não prejudique a disputa de campeonatos paralelos.

Afinal, por que não reviver os anos de ouro, se agora o futebol evoluiu em todos os níveis e o poder aquisitivo da torcida melhorou em relação ao passado?

Dilema pior viveram os dirigentes daquela época, que pagavam caro pela validade de sustentar um esquadrão de craques. O Canindé teve de ser vendido à Portuguesa por 15 mil contos para pagar as dívidas do futebol.

— Se não construirmos um estádio, vamos fechar o clube outra vez. E agora para sempre — dizia Cícero Pompeu de Toledo.

Não era apenas o fim de um ciclo, desses que costumam devastar os campeões de dez em dez anos, mas a ruína de um clube, que por não suportar a espiral do profissionalismo, já fechara por quatro anos.

Em 1950 — o ano santo para os católicos, mas ano maldito para os torcedores — o time, já envelhecido, acabou perdendo o título para o decadente Palmeiras, apesar da vantagem de quatro pontos nas últimas rodadas.

O Rolo Compressor — incomparável time dos anos 40, campeão por cinco vezes, uma delas sem uma derrota sequer já não conseguia carregar o peso de suas próprias glórias.

A imortal linha média Bauer, Rui e Noronha já andava trôpega e no devastador ataque que teve Luizinho, Sastre e Leônidas, apareciam os esforçados Friaça, Dido, Alcino, Augusto e Ponce de Leon, incapazes porém, de demolir as defesas como os seus antepassados faziam.

A torcida que comemorara dois bicampeonatos nos anos 40, agora tinha de exaltar a façanha de Ademir Ferreira da Silva que, com a camisa do clube, igualara o recorde do salto triplo, no dia 3 de dezembro de 50, do japonês Tajima — intocável desde as Olimpíadas de 36 em Berlim.

Além de perder o título de 50, o ex-esquadrão deixara uma dívida de 15 mil contos, resgatada com a venda do Canindé à Portuguesa Desportos. O São Paulo voltava,

assim, como nos anos 30, a ser o time de onze camisas. De onze camisas, mas de nenhuma esperança.

Nem o próprio Cícero, nome de milagreiro, presidente do clube da fé, acreditava em suas próprias palavras. Como construir um estádio, se com apenas um time de futebol o São Paulo ditzimara todos os seus poucos recursos?

Mas o São Paulo ainda era o time dos desembargadores, juizes, advogados e políticos que, ao lado dos piloqueiros e dos soldados da Força Pública, acompanhavam com o mesmo fervor o time mais poderoso da cidade.

A tentativa de conseguir, por doação, um terreno no Parque Ibirapuera, foi combatida pelo vereador Jânio Quadros, com a energia dos políticos principiantes.

Havia, porém, outros recursos. O governador Adhemar de Barros, dono da Imobiliária Jardim Aricanduva, precisava valorizar as terras do Jardim Leonor, na longínqua e abandonada Zona Oeste, onde a mata se espalhava por suas chapadas e colinas.

Mas Luís Cássio dos Santos Werneck e Luís Campos Aranha, membros da Comissão pró-Estádio, encarregaram-se de convencer a Prefeitura a fazer a doação em troca da construção de um parque infantil no futuro estádio.

O Diretor de Urbanismo da Prefeitura, o são-paulino Gomes Cardim, trabalhou pelo plano e o São Paulo ganhou uma área de 98 mil quadrados, comprometendo-se a incentivos a prática de esportes amadores.

Mais tarde o São Paulo conseguiu financiamento na Caixa Econômica do Estado para completar a área com mais 30 mil metros quadrados, ganhando outro tanto, de recompensa, de Adhemar de Barros, pelos lucros que proporcionou à sua imobiliária.

E começa o Morumbi

A pedra fundamental foi lançada por Cícero Pompeu de Toledo em 52, mas só oito anos depois o estádio foi inaugurado. E, a 2 de outubro de 60, chegou o grande dia da inauguração, que desmentiria os críticos implacáveis, para os quais o Morumbi nunca sairia do projeto.

O time que enfrentou o Sporting, campeão de Portugal, era um insulto aos antepassados do São Paulo, com o violento Vitor, que jogava sem a dentadura postiza; o central Gildesio; e os incríveis Jonas e Paulo Lumumba. Somente nos setores de Poy e Canhotelero restava alguma dignidade a um time que dominara o futebol da cidade.

São Paulo quase entrou em colapso porque a torcida, que mal conhecia o bairro, provocou um congestionamento que começava na avenida 9 de julho. Houve muitos acidentes nos andaimes e pontas de ferro, entre os 56.448 torcedores que pagaram ingressos. E o Morumbi começou com uma vitória do São Paulo, de 1 a 0, gol de Pelinho contra o Sporting de Anibal, Fernando, Faustino e Geó. Foi batido o recorde de renda com 7 mil, 888 cruzeiros na moeda atual.

No ano seguinte, o São Paulo jogou dez vezes no Morumbi; em 62, nove; em 63, sete; em 64, deztoito; em 65, dezesseis; em 66, doze e em 67, dezesseis partidas novamente.

Em 68, o estádio passou a ser mais requisitado com a disputa de 29 jogos. Em 70, no dia 25 de janeiro, com a presença do presidente Garrastazu Médici, o São Paulo conseguiu entregar o estádio Intelor, com os seus 140 mil lugares, para a torcida.

Era a 160ª partida — contra o F.C. do Porto — e houve empate de um a um, com 107.869 torcedores pagando ingresso, sem preencher a capacidade do estádio.

O tempo se encarregaria de provar que grande parte do sacrifício de construir um estádio sem a subvenção do governo e com a venda de carnes acabou sendo em vão.

Além das polêmicas dos anos 70 e 71 e de agora com a Ponte, rejeitado para as decisões por não ser um campo neutro, o Morumbi mostrou ser um mau negócio.

No fim da década de 60, com as estatísticas avançando até 7 de dezembro de 69, foram jogadas lá 159 partidas, recebendo um público de 2.514.489 pagantes, com a insignificante média de 15.814 e apenas 7 jogos ultrapassando a faixa de 50 mil assistentes.

De 25 de janeiro de 70 a 25 de maio de 80 (a primeira década do estádio completo) houve 452 jogos com público de 14.892.213, o que dobrou a média (acompanhando a ampliação das localidades) para 32.502 pagantes. E apenas 10 partidas ultrapassaram a marca de 100 mil pessoas.

A área construída do Morumbi (112.264m²), corresponde à de 55 prédios de 10 andares, com 20 apartamentos de 100m² cada um. As sacas de cimento empregadas na construção, seriam suficientes para carregar 2.500 caminhões de 6 toneladas cada um e, colocadas lado a lado, cobririam a distância de São Paulo até o Rio de Janeiro. As 50 mil toneladas de ferro utilizadas na obra dariam duas voltas e meia ao mundo, pela linha do Equador.

Mas o Estádio do Morumbi é apenas o penúltimo capítulo da história do São Paulo que, agora, volta a viver o ciclo dos grandes esquadrões e que precisa um título, de dois em dois anos, pelo menos, para justificar a sua existência. Afinal, parece ter passado o tempo em que a maior fonte de renda do São Paulo era alugar o seu estádio para a disputa das finais dos campeonatos, entre outros times.

Sérgio Baklanoff

RELATION DE AÇO - Com desenhos Walt Disney.
Cr\$ **1.990,**

SEIKO FOLHEADO PARA MULHERES - Vários modelos, com pulseira de couro.
Cr\$ **11.500,**

NATAL...
presentes

Mappin

SEU CRÉDITO É AUTOMÁTICO! EXPERIMENTE E VERÁ!

O HERÓI

Foi Renato, que tinha uma dívida com a torcida. Ontem ele pagou.

As passadas longas e rápidas e o rush mortal de Renato nos contra ataques, garantiram ao São Paulo, ontem, o bicampeonato paulista. Foi ele o melhor jogador em campo, o homem que desequilibrou a partida com um gol e jogadas que humilharam a defesa da Ponte no segundo tempo.

Renato estava devendo essa grande atuação para a torcida do São Paulo. E ele cumpriu no momento certo. Voltou depois de muitas atuações irregulares a ser um jogador imbatível quando parte com a bola dominada e tem espaço pela frente:

— Eu não vinha jogando bem por cansaço, por estafa física. Mas dei tudo de mim, fui buscar as últimas forças porque valia a pena.

No primeiro tempo a Ponte jogou recuada, não dando espaços para Renato poder desenvolver um futebol dentro da sua melhor característica — o pique longo, correr com a bola dominada driblando os zagueiros na velocidade.

Mas Renato surpreendeu com um belo gol de cabeça, aos 37 minutos do primeiro tempo. Esse gol foi decisivo pois quebrou o esquema da Ponte e abriu caminho para uma grande atuação de Renato.

O gol surgiu na primeira falha da defesa da Ponte.

Getúlio cruzou da direita e Renato, com boa impulsão, antecipou-se a Nenê e cabeceou forte, no canto direito de Carlos:

— Eu tive a sorte de entrar na corrida. Ganhei boa impulsão e cabeceei bem. Não é fácil cabecear certo bola desse tipo. E todos sabem que não sou bom cabeceador. Mas eu ganhei a jogada pela impulsão, pela força e pela vontade com que bati na bola.

Mas os melhores momentos do futebol de Renato no jogo de ontem surgiram no segundo tempo.

Logo aos 4 minutos ele fez boa jogada, mas perdeu o último toque para Juninho. Um minuto depois, novamente uma bela jogada pela direita, deixando a Ponte atordoada, sem saber se marcava Renato ou ia à frente tentar o empate.

Aos 12 minutos uma jogada que levantou o Morumbi: Renato partiu em contra-ataque pela esquerda, driblou três zagueiros na velocidade e chegou livre à frente de Carlos.

Aí Renato falhou: tocou de leve, fraco, no canto, dando chance para Carlos fazer a defesa:

— Eu só perdi esse gol porque quando cheguei na área já não tinha mais pernas para chutar. Por isso bati tão fraco.

Aos 31 minutos outra jogada arrasadora: Renato entrou pela direita em diagonal, driblou dois e deu para Serginho marcar. Serginho complicou-se na hora de chutar e Carlos conseguiu evitar o gol.

Depois, aos 41 minutos, Renato fez tudo e deixou Serginho livre para fazer o gol. Serginho partiu antes do lançamento, em posição de impedimento, driblou Carlos com um chapéu e tocou com grande categoria para dentro do gol. Um jogo decidido por Renato em uma das suas melhores atuações com a camisa do São Paulo:

— Não sei se foi uma das melhores, mas foi a mais importante. Eu gostaria de ter feito aquele gol que entrei com a bola dominada e toquei fraco. Acho que se faço aquele gol a minha atuação teria sido mais completa. Mas estou contente: o São Paulo merecia esse título pelo esforço do clube em formar uma equipe de jogadores de bom nível técnico. Isso valoriza o futebol.

Mesmo em um momento de grande euforia, abraçado por fanáticos torcedores que invadiram os vestiários, Renato lembrou a perda do título da Copa Brasil:

— Nós tivemos um grande desgaste no jogo contra o Botafogo. Viramos um resultado de 2 a 0 para 3 a 2. Isso arrasou o nosso time fisicamente para as finais contra o Grêmio. Não foi falta de raça, liderança, amor à camisa, nada disso, como muitos comentaram. Essa final contra a Ponte prova que o nosso time é experiente e tem muita força de vontade.

E a torcida do São Paulo pode ficar tranquila: o futebol muitas vezes irremediável de Renato está garantido por mais um ano. Na semana passada, um mês antes de o seu contrato terminar, a diretoria do São Paulo acertou rapidamente a renovação por mais uma temporada.

Renato vai receber 6 milhões de cruzeiros por doze meses. Salários de 150 mil cruzeiros e 4,2 milhões de luvas, dos quais, 1,5 milhão o São Paulo já adiantou ao jogador na semana passada.

— O futuro agora é lutar para chegar mais uma vez a uma final de Copa Brasil e pensar também na Copa do Mundo. Acho que essa Copa poderá ser o grande momento na minha carreira. Falta só jogar na Seleção o que costumo fazer com a camisa do São Paulo.



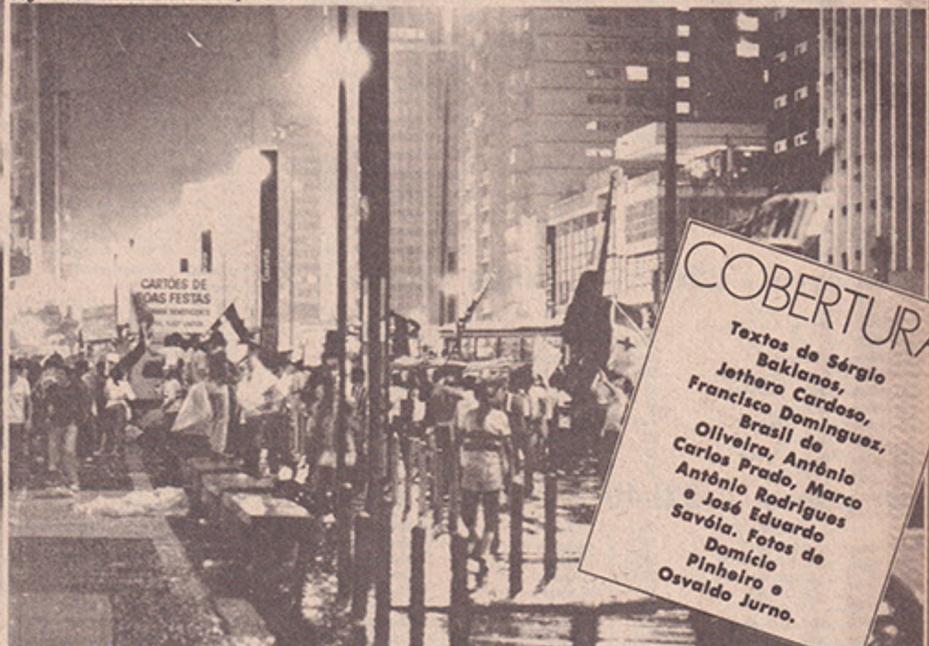
Renato cabeceia, na área, e marca o primeiro gol do São Paulo — o caminho para a vitória e para o título.



A vibração da torcida no sorriso de Renato: campeão!



Seguindo a moda iniciada pelos corintianos...



... os torcedores são-paulinos fizeram a festa na avenida Paulista.

COBERTURA

Textos de Sérgio Baklanos, Jethero Cardoso, Francisco Dominguez, Brasil de Oliveira, Antônio Carlos Prado, Marco Antônio Rodrigues e José Eduardo Savóla. Fotos de Domicílio Pinheiro e Osvaldo Jurno.

Como um time projetado friamente para ganhar mais da metade dos títulos em disputa, o São Paulo fez uma festa apropriada logo depois que a decisão de ontem terminou: com certo ar de enfado, os jogadores saíram correndo de campo, recusando-se à volta olímpica tradicional e preferindo o conforto da concentração no segundo andar.

Tudo isso exatamente no momento em que, desorientado, os olhos esbugalhados, o presidente Edson Aggjo, da Ponte, errava de endereço e entrava na tribuna de imprensa, à procura de seus diretores. Mélo constrangido, Aggjo pediu desculpas a um repórter: por um esbarão involuntário e tratou de sumir. Os torcedores do São Paulo invadiram o campo e corriam para beijar a taça do bicampeonato. Os 80 quilos espalhados em 1,75m de altura da taça foram levados para a sala do administrador do estádio, Gino Oriando. Um troféu valioso também no preço: Cr\$ 1,5 milhão.

No vestiário poucos jogadores se atreveram a ficar: Heriberto, Valdir Perez, Darío Pereira e Mário Sérgio trocavam rapidamente de roupa na sala reservada para o material de treino. Os torcedores pediam inutilmente uma camisa, um calção, qualquer lembrança, mas a grade protegia os jogadores e estes, saindo dali, corriam logo para a concentração.

Assim, restaram no vestiário apenas alguns diretores, abraçados a todo instante pelos amigos e alguns torcedores. Perto dali, em sua saleta, o técnico Formiga vivia finalmente o seu dia de herói — justo ele, de cuja demissão tanto se falou nos últimos tempos.

Ganhador também nas palavras de Jaime Franco, diretor de futebol, que repetia a todas as rádios seu maior desejo para esta semana:

— A torcida do São Paulo tem a obrigação moral de estar aqui no domingo que vem para homenagear seus jogadores, os responsáveis por este título, que farão o jogo das faixas contra a Seleção Paulista. Será a festa do melhor time com o melhor futebol dos outros concorrentes. Hoje nossa torcida não apareceu em grande número porque talvez temesse a necessidade de um terceiro jogo. Mas para domingo eu acho fundamental que o Morumbi seja tomado por 100, 120 mil torcedores.

E Jaime Franco, eufórico, deixou escapar até algumas ironias para a Ponte:

— A Ponte está de parabéns, foi merecidamente a vice-campeã, uma colocação, aliás, à qual eles devem estar acostumados. Na verdade, o São Paulo foi o melhor time do Campeonato, o que soube ousar, investir e teve coragem. Por isso, este título premiou o melhor.

Emocionado, um torcedor abraçou Jaime Franco e repetia a todo instante:

— Foi você que armou este time, este time é teu...

E o mais original era Gilberto Andelmi, 39 anos, torcedor do São Paulo desde os seis anos de idade: ele improvisou uma barba branca, imitando o anjo que simboliza o clube, e vestiu-se com uma camisa tricolor que já carregava a devida faixa de bicampeão. Outro torcedor confeccionou uma faixa tricolor onde se lia uma frase em cada linha: "É um time, é um aço, é um tricolor".

E Jaime Franco, além de saborear as delícias do título, ainda se dispunha a ensinar a receita aos outros:

— Pouca gente disse que o São Paulo disputou, com o jogo de hoje, 88 partidas este ano, enquanto os demais times brasileiros ficaram na média de 70. Por isso, estes jogadores provaram aqui que são antes de tudo homens, que souberam honrar a camisa de um clube que nasceu para os títulos.

A receita de um time ganhador: — Há dois pontos fundamentais: temos um patrimônio que nos permite viver independentemente do futebol, nós não precisamos nos sujeitar a uma arbitragem ruim, um pénalti perdido ou uma bola na trave. Outro ponto: quantos times você conhece em que os diretores têm tanta autonomia como no São Paulo? Aqui os diretores elaboram um planejamento com o presidente e, a partir daí, executam tudo integralmente.

As metas para o ano que vem são gran-

diosas, à altura dos planos de diretores que estão anos-luz à frente da concorrência. Mas ele advertiu:

Se chegarmos às finais do Brasileiro, não aceitaremos o início do Campeonato Paulista. Isso vale não só para o São Paulo, vale para qualquer representante do futebol paulista, está na lei. Só se o CND mudar tudo. Mas por enquanto é o que vale e nós vamos seguir.

Do lado de fora, a torcida, insatisfeita com a ausência dos ídolos, resolveu armar um carnaval na av. Paulista. As pistas foram sendo invadidas e alguns torcedores começaram a depredar os ônibus e carros particulares parados no congestionamento. Essa atitude não parou nem mesmo quando o DSV decidiu interditar as duas pistas da avenida, o que levou a polícia a intervir com violência.

A mesma violência que, no saguão do Morumbi, atingiu José Eduardo Blicudo, 25 anos, filho do procurador de Justiça do Estado Hélio Blicudo. José Eduardo aguardava a chuva passar quando dez soldados da PM o retiraram do saguão e o conduziram para fora do estádio, onde procederam a um espancamento, ajudados inclusive por colegas montados a cavalo, que se aproximavam para colaborar. A noite já ia avançada quando José Eduardo, o corpo bem marcado pelas pancadas, prestava queixa no 34º Distrito Policial.



A certeza da vitória

A festa

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ